

UM PRESENTE DE AMOR

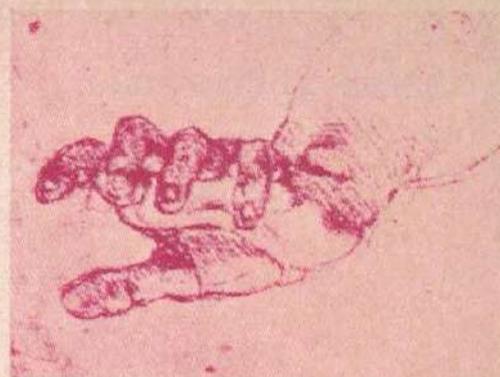
Condensado de McCALL'S
DR. HOWARD A. RUSK

ERA NO FIM de uma tarde de outono em Tânger. Um grupo de crianças brincava na rua poeirenta, junto de um armazém. O caixeiro, Moulay, estava tomando um pouco de fresco à porta, quando viu, horrorizado, um dos meninos que brincavam na rua apanhar uma granada num monte de lixo e puxar o pino. Atirou-se sobre a criança, arrancou-lhe a granada e tentou jogá-la para lugar seguro. Não houve tempo. A granada explodiu, levando-lhe as duas mãos.

Ele não sentiu dor. O choque foi grande demais. Restavam dois tocos sangrentos no lugar onde segundos antes haviam estado suas mãos. Imediatamente apareceu um carro da polícia, que o levou para o hospital. A hemorragia foi estancada, e salvaram-lhe a vida. Para quê? Nunca ninguém em Tânger já tinha visto uma mão artificial. Não havia ali uma pessoa sem mãos que já tivesse arranjado emprêgo.

Passaram-se os meses, e ninguém mais se lembrou de Moulay, a não ser alguns oficiais da Marinha e funcionários consulares americanos que reuniram suas economias e pagaram o

DR. HOWARD A. RUSK é professor e diretor do Departamento de Medicina e Reabilitação Física, do Centro Médico da Universidade de Nova York.



transporte de Moulay para os Estados Unidos, onde um centro de reabilitação havia prometido colocar-lhe novas mãos e ensinar-lhe a maneira de usá-las.

Bastaram 10 dias para a colocação de mãos mecânicas modernas, com pele plástica combinando com a dêle. Uma semana depois, Moulay pintou um quadrinho, uma colorida cena oriental da sua cidade de origem. Dentro de três semanas estava em condições de atender a todos os problemas da vida diária e até de manipular instrumentos delicados.

A notícia de sua vitória sobre a invalidez espalhou-se pela terra dêle como um incêndio na mata. Quando regressou, foi recebido por altas autoridades. O primeiro-ministro deu-lhe um emprêgo e uma bolsa de dinheiro para ajudá-lo a começar vida nova e como testemunho da admiração de sua pátria por sua coragem.

Moulay deu às crianças que salvou o maior de todos os presentes—a própria vida. Por sua vez, pessoas que realmente se interessavam, não pela Humanidade com maiúscula, mas por uma alma desolada e necessitada, deram-lhe novas mãos. E estas eram na realidade muito mais do que simplesmente novas mãos: eram, de fato, uma nova vida—uma nova vida de valor e dignidade.